

# Somos livres de verdade?

Pablo Cabellos\* revisa o significado da liberdade do ponto de vista religioso neste artigo.

28/09/2018

Talvez a resposta para o título dessas linhas não seja tão fácil. Do ponto de vista antropológico, deve-se responder afirmativamente, porque a liberdade é o maior dom da pessoa. Como cristão, tenho que dizer: a liberdade existe. Mas isso não é tão claro para todos, nem na sua

realização em cada homem, nem em seu fim, nem em seus limites, porque nem todos entendem da mesma maneira o que é o homem, a sua origem e o seu destino.

Politicamente, poderíamos responder que vivemos em um país democrático e, portanto, somos livres. E seria verdade. Mas, estaríamos contemplando a liberdade em seu sentido mais profundo? Podemos encontrar pessoas com uma liberdade mais enriquecedora em um país totalitário?

Claro, uma resposta afirmativa à última pergunta não iria fazer que uma ditadura fosse boa, mas se trata de pensar sobre a liberdade que amadurece os seres humanos. Sociologicamente, poderíamos considerar, por exemplo, as razoáveis barreiras impostas pela sociedade em que vivemos. E também as menos razoáveis. Ou

aquelas que seriam barreiras, mas são saltadas ou não existem.

Muitos de nós aprendemos a amar a liberdade a partir da fé, particularmente através do Novo Testamento. E devo acrescentar que pude aprofundar mais nele com a ajuda do Magistério da Igreja e de alguns homens excepcionais, entre os quais deveríamos citar Agostinho de Hipona, Tomás de Aquino, Josemaria Escrivá, João Paulo II e Bento XVI.

O que é o coração inquieto de Agostinho se não o desejo de buscar o bem que nos faz livres, ou o desgosto de tê-lo encontrado tarde, de acordo com seu parecer de amante? São Tomás, com seus estudos sobre a lei eterna, lei natural e consciência, incorpora o desejo pela verdade que liberta, e a serviço dela colocará sua poderosa inteligência em *De Malo*, *De Veritate*,

*Summa Theologica* e em tantas de suas obras. Essa verdade que brilha em João Paulo II quando, contra toda moda passageira, afirma que “Cristo crucificado revela o sentido autêntico da liberdade, que vive plenamente o dom total de si mesmo e chama os seus discípulos para participar da sua própria liberdade”.

Diante daqueles que fazem barricadas com a liberdade para não gastá-la ou desperdiçá-la, Cristo mostra a sua conquista com a entrega total e sangrenta de sua própria vida. A liberdade se conquista com a sua entrega. O Cardeal Ratzinger falou extensamente de liberdade, mas, na memorável Jornada Mundial da Juventude de 2005, procurou a sua profundidade com simplicidade no mesmo fato: na Cruz antecipada na última ceia do Senhor e reproduzida na celebração da missa. Cristo transforma a violência que o

crucifica em amor que se dá totalmente. O grande pecado do homem – havia escrito em *Criação e Pecado* – “consiste em que o homem quer negar o fato de ser uma criatura, porque ele não quer aceitar a medida e os limites que traz consigo”. Esse homem não será livre, porque “a liberdade – dirá aos jovens de Colônia – não significa aproveitar a vida, considerar-se absolutamente autônomo, mas sim orientar-se de acordo com a medida da verdade e do bem, para, dessa forma, chegar a ser, nós mesmos, verdadeiros e bons”.

Explica-nos São Josemaria: “Existe um bem que [o cristão] de forma especial, deverá promover sempre: o da liberdade pessoal. Só se defender a liberdade individual dos outros, com a correspondente responsabilidade pessoal, poderá defender igualmente a sua própria, com honradez humana e cristã”.

Em outro lugar, ele afirma que já não prega, mas que grita seu amor à liberdade frente aos pusilânimes que a veem como um perigo para a fé. Sim, seria uma interpretação errada da liberdade, uma liberdade sem finalidade, sem normas objetivas, sem lei nem responsabilidade.

Mas sempre nos lembra de que Jesus “não quer se impor”. Por isso, se encarrega de desvelar o espantalho das palavras esvaziadas de conteúdos porque não correspondem às obras: “liberdade”, que acorrenta, “progresso”, que devolve à selva; “ciência”, que esconde ignorância ... Sempre uma bandeira que encobre velha mercadoria estragada (cfr. Sulco, 933). Somos livres ao orientar-nos para a verdade e o bem, ou somos apenas fracamente livres? O Concílio Vaticano II reiterou a obrigação de buscar a verdade e aderir a ela. Poderíamos perguntar sobre que tipo de bem procuramos

porque, sem dúvida, perseguimos algum. É um daqueles bens que melhoram a pessoa? É um daqueles bens que transcendem?

Parafraseando algo conhecido, pode-se falar da insuportável leviandade de algumas liberdades superficiais ou frívolas, ou de liberdades que escravizam porque elas, como disse Tomás de Aquino, retêm o ser humano em termos que não são próprios dele, elas o aprisionam. Quando isso acontece, a pessoa se diminui, fere a sua natureza e, em termos cristãos, ofende a Deus, aos outros e a si mesmo. Podemos chamar isso de escravidão do pecado, do erro, da frivolidade ou de uma vida não resolvida. Em qualquer caso, e nessas circunstâncias, não é que a criatura deixe de ser livre, porque é impossível, mas vive com uma liberdade doente e falida que não a levará muito longe. Somos tanto mais escravos, dizia Tomás de

Aquino, quanto menos nos resta daquilo que nos é mais adequado: razão, vontade, coração reto.

É necessária, então, uma grande tarefa educacional que mostre a verdade, o bem, a beleza, a unidade; que incentiva a encontrá-los em meio às tarefas habituais através do exercício das virtudes humanas – sinceridade, lealdade, diligência, alegria, coragem, perseverança, solidariedade, justiça, moderação, generosidade, prudência, humildade, decência, honestidade, modéstia, etc. – e, se é cristão, das teologais: fé, esperança e caridade. Assim, será fácil para nós vivermos “como homens livres e não como aqueles que transformam a liberdade em pretexto para o mal”, como escreve São Pedro.

---

*\* Sacerdote. Professor de ensino fundamental. Doutor em Direito Canônico. Licenciado em Filosofia e Letras. Especializado em Orientação Familiar.*

---

pdf | Documento gerado automaticamente de <https://opusdei.org/pt-br/article/somos-livres-de-verdade/> (27/01/2026)